

A MENINA DA BIELORRÚSSIA



BLANDINA FRANCO

ILUSTRAÇÕES DE JOSÉ CARLOS LOLLO



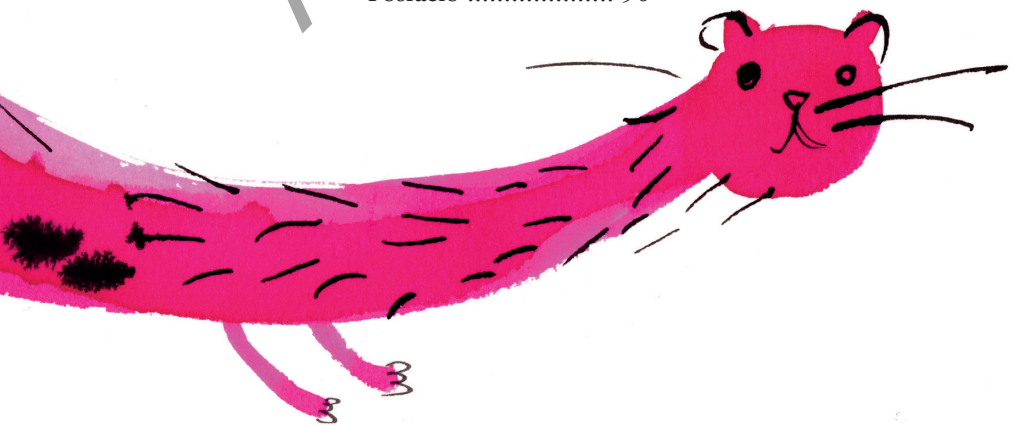
ALTA BOOKS

GRUPO EDITORIAL

Rio de Janeiro, 2023

Índice

Capítulo 1.....	04
Capítulo 2.....	08
Capítulo 3.....	12
Capítulo 4.....	16
Capítulo 5.....	20
Capítulo 6.....	24
Capítulo 7.....	30
Capítulo 8.....	36
Capítulo 9.....	40
Capítulo 10.....	46
Capítulo 11.....	52
Capítulo 12.....	58
Capítulo 13.....	64
Capítulo 14.....	68
Capítulo 15.....	74
Capítulo 16.....	80
Capítulo 17.....	86
Posfácio	90



CAPÍTULO

1



Em uma cidade ribeirinha.
Em uma rua estreita.
Em uma casa com quintal cheio de trepadeiras
com espinhos e de flores roxas.

Mora uma menina que não tem mãe.

E nem pai.

E nem irmãos ou irmãs.

Ela mora lá com sua avó, que não enxerga com o olho direito, três gatos, sete ratos, uma fuinha e um ornitorrinco.

Todo mundo sabe que ornitorrincos são naturais da Austrália e que naquela cidade ribeirinha não existiam ornitorrincos, mas na casa daquela menina tinha um, e ele era empalhado.

Já a fuinha era muito viva, e estava sempre se enroscando no meio das pernas da menina, que no começo vivia tropeçando, mas agora já havia se acostumado com aquele animal que tinha decidido que o melhor lugar que existia no mundo para se viver não era a Albânia, ou a Bulgária, a Dinamarca ou a Letônia. O melhor lugar do mundo para se viver, definitivamente, era nas meias da menina.

E a menina vivia ali com a sua avó sem saber que eu ia contar a história dela.

Não sei se o fato dela saber que eu contaria a sua história mudaria alguma coisa na história propriamente dita. Talvez ela se penteasse mais, ou enfiasse menos o dedo no nariz, ou talvez nem se importasse, já que ela achava que sua vida era bem sem graça e nada merecedora de ser contada.

Acontece que a vida de todo mundo merece ser contada, e eu vou contar a história dessa menina.

O problema é que eu não sei o nome dela e, para

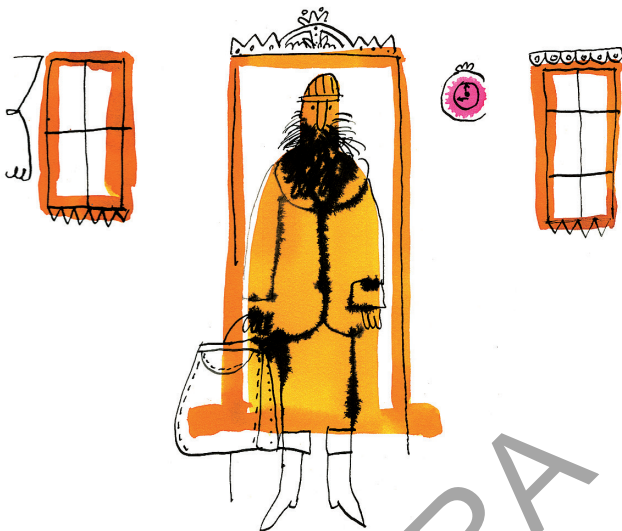
contar a sua história, eu preciso saber como ela se chama. Uma das primeiras coisas que um escritor precisa fazer pra conseguir escrever direito é descobrir o nome da personagem de sua história.

Então, sim, definitivamente, precisamos de um nome para ela. Será que ela não tem o nome anotado em algum objeto, blusa, sapato?

Acontece que a menina da história não tem quase nada além da fuinha e da avó, e como fuinhas não falam e a avó dela só a chama de “ô, menina”, eu ainda não descobri como ela se chama. Mas acho que não vai demorar muito pra eu descobrir, sabe por quê?

Porque histórias têm vida própria e, quando a gente começa a contar uma, as coisas começam a acontecer e de repente a gente descobre como ela se chama, assim, feito mágica.





E é mais ou menos o que vai acontecer com essa menina, porque agora, na história dela, bem nesta hora, neste parágrafo, nesta linha, a campainha da porta dos fundos toca: ding, dong! E um homem muito barbudo, muito alto, muito forte e cheirando a peixe está parado na porta esperando para ser atendido, enquanto segura uma mala de lona toda costurada com barbante. Quando a menina abre a porta, ele diz:

— Procuo a velha Fulana! Vim de longe, tenho pressa e não vou ficar muito tempo. Talvez só um dia ou dois.

Fulana? Quem é a Fulana? Era só o que me faltava! Agora são dois nomes que eu tenho que descobrir para poder continuar a história. O da menina e o da avó, porque todo mundo sabe que ninguém se chama Fulana.

Pelo menos do homem eu sei o nome: Berivaldo. Berivaldo Starijvitch.

Mas agora não dá mais tempo. Acabou a página e a luz na minha casa. Esses dois nomes terão que ficar para o próximo capítulo.

CAPÍTULO

2



Berivaldo ia perder o trem e isso o deixava muito preocupado. Ele não tinha compromisso marcado, ninguém o esperava no destino, não era perseguido por atiradores de facas, e nem tinha comprado a passagem. Mesmo assim, isso o deixava muito preocupado. Ele não queria chegar atrasado à visita que ele faria àquela pessoa que nem sabia que ele ia visitá-la.

Então, ele corria. E se preocupava.

Correr e se preocupar faziam parte da personalidade de Berivaldo.

Ele era barbudo, grande, forte, cheirava a peixe, corria e se preocupava.

Ele era assim.

Berivaldo vivera sua infância na Letônia, na casa de três tias muito queridas. Elas não eram irmãs de sangue, haviam sido adotadas quando ainda eram bebês em três cidades diferentes da Bielorrússia. E, embora fossem filhas de pais e mães diferentes, nasceram no mesmo dia, na mesma hora, se vestiam sempre com um vestido verde do mesmo modelo, e eram incrivelmente parecidas, quase idênticas.

Elas se chamavam Fúlvia, Lavínia e Natasha, e prestavam trabalhos para a comunidade. Fúlvia era parteira; Lavínia era conselheira e Natasha cuidava do jardim do cemitério.

Acontece que todos por ali nunca sabiam com qual delas estavam falando, então começaram a chamá-las pelos três nomes juntos, como se fosse uma palavra só, para não correr o risco de errar. E como “Fúlvialaví-nianatasha” é um nome muito complicado e comprido para qualquer pessoa falar depressa, mesmo para quem fala russo, aos poucos começaram a chamá-las pela junção só das primeiras sílabas de cada um dos nomes.

E, assim, elas passaram a ser conhecidas como FuLaNa. Talvez essa seja a origem dessa palavra que você conhece, talvez não, mas isso não importa para a nossa história.

O que importa é que, agora, eu já sei quem é a Fulana de quem Berivaldo falava: uma das três tias dele. E provavelmente uma delas deve ser aquela avó da nossa história. Mas qual das três tias é a avó?

As histórias, algumas vezes, colocam esse tipo de encruzilhada na nossa frente, para deixar as coisas mais emocionantes, e também para complicar a minha vida de escritora, que agora precisa dar um rumo ao personagem. E, enquanto eu decido que rumo vou dar ao Berivaldo, ele continua correndo para pegar o trem, preocupado e lembrando do dia em que ele começou a se preocupar e a correr para finalmente chegar a essa estação de trem.

Naquele dia, ele tinha 13 anos e, pelo que ele se lembrava, fazia sol embora a temperatura estivesse em 14° Fahrenheit. As Fulanas conversavam animadas na cozinha quando Berivaldo entrou correndo, segurando em suas mãos um pequeno corvo.



Acontece que o corvo, assim que se viu dentro da casa, começou a bicar as pontas dos dedos de Berivaldo até conseguir escapar, e assim que escapou voou direto para cima das Fulanas, batendo as asas, arranhando e bicando seus rostos.

Quando o ataque acabou, as Fulanas estavam agachadas no meio da cozinha, abraçadas umas às outras, tentando esconder seus rostos. Naquele dia, cada uma delas perdeu um olho.

A cidade era pequena, as condições do hospital eram precárias e, como você pode imaginar, não havia um estoque muito grande de olhos de vidro por lá. Assim, as três que tinham os olhos negros como o corvo que as atacou ganharam, cada uma, um olho de vidro de uma cor diferente: um azul como o mar, um verde como as matas e um amarelo como os campos de girassóis da Rússia. O mais estranho era que elas trocavam os olhos de vidro entre elas de acordo com o seu humor. E a partir desse dia, e por causa disso, passaram a ser chamadas de: Fulanas, as Moiras da Bielorrússia.

Já Berivaldo, envergonhado e desesperado por, mesmo sem querer, ter ferido suas tias, partiu da cidade sem nem se despedir delas. Naquela tarde, ele começou sua corrida em direção ao Sul, e correu por 1.278 dias até chegar em um circo. Então, sua história mudou de novo. E iria mudar mais três vezes até ele tocar a campainha do primeiro capítulo.

E agora que o capítulo acabou, só nos resta esperar para ver se no próximo alguma coisa se esclarece e a gente descobre o nome da menina da história que, veja bem, neste capítulo não foi sequer citada.

CAPÍTULO

3



Quando aquele homem barbudo, muito alto, muito forte, cheirando a peixe e que se chamava Berivaldo tocou a campainha, a menina abriu a porta sem prestar muita atenção.

Várias pessoas tocavam a campainha da sua casa, e quase sempre para ouvir os conselhos da sua avó.

A menina nunca entendeu porque todo mundo vivia pedindo conselhos para ela. Sua avó era monossilábica, e quase sempre respondia com um hum-hum ou hã-hã e algumas vezes com um tsi-tsi, o que todo mundo sabe que não quer dizer muita coisa. Mas, para as pessoas que queriam conselhos, aqueles resmungos pareciam querer dizer algo, e normalmente saíam agradecidas da sua casa.

Mas, assim que a menina abriu a porta da sua casa e bateu o olho naquele homem, ela soube que ele era diferente.

Ele não só parecia diferente, ele era diferente de um jeito que ela não sabia explicar.

E aparentemente sua avó pensava como ela, porque foi só ouvir a voz dele que, com um salto, ela se levantou da cadeira onde cochilava, correu em direção a ele, o abraçou e, fechando a porta da sala na cara da menina, disse:

— Ô, menina, vai brincar lá fora — o que era muito mais do que uma única sílaba, deixando a menina plantada no hall de entrada.

E agora? Como a gente vai descobrir alguma coisa desta história, se a porta está fechada e atrás dela estão duas pessoas que cochicham?

Sim, porque aqueles dois estavam cochichando e a menina não conseguia ouvir nada do que eles falavam, nem encostando um copo na porta pra amplificar o som.

E Formosa, a sua fuinha de estimação que ninguém sabe porque ganhou esse nome, já que ao contrário de todas as fuinhas da face da terra, era feia, ossuda e cheia de falhas nos pelos, não estava ajudando em nada, se enroscando entre seus pés e fazendo um barulho esquisito.

Aqui eu vou fazer uma pausa na história e explicar por que a Formosa tem esse nome: ela se chama Formosa porque a menina gosta muito desse nome para uma fuinha, embora ela saiba que esse é um nome muito melhor para uma vaca. Mas, como a menina não pode ter uma vaca em casa, e sim uma fuinha, esse é o nome dela. E, depois, já basta a gente não saber o nome da menina, não é? A gente sabe que o estranho que chegou se chama Berivaldo, sabe que de acordo com a história a avó da menina é a Fulana Lavínia, já que ela é a conselheira como eu contei no segundo capítulo e agora sabe que a fuinha se chama Formosa.

E, enquanto eu explicava isso tudo para vocês, a menina descobriu o porquê do barulho estranho que Formosa fazia. Ela estava sentada sobre os sapatos da menina, arreganhando os dentes e ameaçando os sete ratos que também viviam naquela casa, e que agora tentavam chamar a atenção da menina, formando uma fila indiana e se agitando, apontando para a porta que dava para o quintal nos fundos da casa, aquele cheio de trepadeiras com espinhos e de flores roxas.

A menina demorou um pouco para entender, mas finalmente percebeu o que os ratos tentavam lhe dizer: saindo pela porta que eles indicavam, ela chegaria ao quintal onde se abriam as duas grandes janelas da sala em que sua avó e Berivaldo cochichavam. Ela podia se esgueirar até debaixo de uma das janelas e ouvir



alguma coisa. Quem sabe ela escuta algum segredo que mude a vida dela? Quem sabe ela escuta alguma coisa que nos dê uma dica de qual é, afinal, o nome dela?

Sem pensar na bronca que levaria se a avó a pegasse espionando, a menina segue os conselhos dos ratos, pega Formosa no colo e se agacha debaixo de uma das janelas, bem a tempo de ouvir o homem perguntar:

— Quando a menina abriu a porta, meu coração quase explodiu. Ela é feliz?

— Hum-hum.

— E ela sabe toda a história?

— Hã-hã.

— E agora, o que faremos?

Boa pergunta! O que eles farão? E a gente, o que vamos fazer?

Para essa última pergunta eu sei a resposta. A gente vai esperar até o próximo capítulo, porque bem nesta hora a avó se levanta e, com a agilidade de uma criança, pula até a janela e pega a menina no flagra escutando a conversa. E, para explicar o que acontece depois, eu vou precisar de pelo menos quatro páginas, que é bem mais do que a quantidade de páginas que nos resta para escrever este capítulo.